

A salvação do país consiste em evitar a falência dos bancos que vivem de expedientes?

O sr. Filomeno da Câmara é intangível. Não pode ser criticado; não se pode tocar, nem mesmo ao de leve, na sua irreconhecida competência financeira, porque a censura, arranca a espada da bainha e corta impiedosamente todas as palavras que sintetizem a carência de admiração pelas medidas financeiras do vencido de 18 de Abril. O sr. Filomeno é como as senhoras: não se lhe toca nem com uma flor...

Admiramo-nos, portanto, que *A Epoca* em estilo sorna conseguisse, duvidar da proficiência das suas medidas e, aliás, embora com benevolência, as criticasse com amplidão. Então o sr. Filomeno só é intangível para os leitores da *Batalha*? Com que direito *A Epoca* pode julgar aquilo que a *Batalha* não é permitido?

Financeiramente falando, o sr. Filomeno não consente que o discutam: seus planos,

não podem ser apreciados, desde que em seu louvor

não se queime muito incenso e muita mirra.

Os dinheiros do Estado que foram arrancados à pele dos trabalhadores estão nas mãos do sr. Filomeno — o que não comove os contribuintes que sabem, por longa experiência adquirida, que eles não voltam à sua posse. Sobre esse ponto, não há a menor dúvida... Agora, o que o contribuinte não dispensa de saber é a maneira como eles vão ser aplicados. E a censura não quer que o contribuinte receba essa explicação...

Vai ser aumentada a circulação fiduciária — e o sr. Filomeno segundo declara *A Epoca* não o negou, limitou-se a ladear as perguntas que nesse sentido lhe formularam. Ora, o aumento de circulação fiduciária implica a desvalorização do papel moeda, tornando ainda mais irconsistente a sua capacidade de aquisição. Por outras palavras, o aumento de circulação fiduciária implica a elevação de preço dos géneros, o agravamento do custo de vida.

E este aumento da circulação fiduciária para quê? Para salvar da falência os bancos que dela estão ameaçados, a quem vão ser cedidas, pela mão generosa do ministro das finanças, quantias elevadas ao jurado de 8% a fim de estes se emprestarem ao comércio e à indústria ao jurado de 10, metendo no bolso 2% — devido à simpatia dum dos mais categorizados salvadores da pátria...

O auxílio ao comércio e à indústria é uma ficção: os bancos aprofundarão o dinheiro emprestado para tapar os buracos que abriram na massa dos depositantes e distribuirão pelos seus amigos — mas só pelos seus mais caros e preciosos e íntimos amigos — alguns milhares de escudos para lançar poeira nos olhos dos miseráveis e esmifados contribuintes. Quando chegar ao pagamento, averiguá-se-há que os bancos não estão em situação de devolver o que o Estado emprestou, pela mesma razão porque até hoje ainda não pagaram as 400.000 libras que devem e ainda porque pagar o que devem não está nos seus hábitos...

Trata-se, pois, dum autêntico bodo aos pobres... aos pobres banhos feitos à nossa custa com a agravante do preço dos géneros ir dar

E é preciso que o público saiba: a maioria dos bancos que para aí existe, vivem à custa do auxílio do Banco de Portugal e que este dispõe, aproveitando a circunstância de ser o banco emissor, do dinheiro do Estado para sustentar esses banqueiros que vivem de nos saquear as algibeiras até ao último centavo. O seu capital não é composto de há muito do dinheiro dos acionistas. Esse dinheiro desapareceu na voragem das especulações do *apres la guerre*. O capital deles — é o dinheiro do Estado. E como as especulações já quase o consumiram o sr. Filomeno em vez de esperar que eles morram recorre ao expediente trágico do aumento da circulação fiduciária para lhes arrastar por mais algum tempo a sua vida de *chantages* e de latrocínios.

Razão nos assistia quando afirmámos que nunca em Portugal houve uma revolução que não desse explêndido dividendo à rua dos Capelistas e imediações.

Alína salvar a pátria significa salvar os bancos. A pátria é a rua dos Capelistas — pelo menos, neste ponto, o sr. Filomeno da Câmara está de acordo com o seu suposto inimigo António Maria da Silva.

Notas & Comentários

tadamente, recusam-se a escutá-lo, alegando que ele tem os pés muito compridos...

Balas que esfaqueiam

A «Revolução Nacional» redigida por autênticos «republicanos históricos», alguns dos quais levaram as suas convicções até ao sacrifício de se baterem em Monsantos, têm podido conversar à vontade sobre os assuntos que mais agradaem, e temperamento e as suas ideias.

«A Revolução Nacional» não a censura à imprensa, exige a fiscalização das conversações de cafés. Se o seu

seu for aceito, dentre em breve, como sentinelas a cada conversa. A medida parte de quem frequenta cafés e de quem dissesse nas suas conversações aquilo que muito bem lhe apercebeu, sem que houvesse a suprema estupidez, a suprema intolerância e a suprema cobardia de lhe contestar esse direito que existe em todos os países — embora neles também haja quem tenha iniciativas pró-prórias de selvagens de tanga.

A «Revolução Nacional» revelou com esta sua ideia não possuir outra mentalidade que a dum asqueroso esbirro do governo civil. Esta de pôr polícias de sentinelas às opiniões que se emitam num café, não lembrava ao cabo Elísio!

Finanças...

Transcrevemos dum jornal da noite:

«O sr. Albano de Sousa, chefe do gabinete do sr. ministro das Finanças, ofereceu um almoço ao sr. Xavier Esteves, antigo ministro de Sidônio Pais, ao qual assistiu o sr. Tamagnini Barbosa.

Parce que neste almoço se tratou de assuntos relacionados com a pasta das Finanças...

O país anda a ser devorado pelos restaurantes...

Alegação snob

«Esse abjeto veneno das letras que é o sr. Pimenta, considerado como um ser desprezível mesmo entre os seus correligionários, vem defendendo na «Epoca» as suas ideias mais regressivas que já deixaram de existir, mesmo nas mais antigas monarquias da Europa.

Essas ideias que reduzem o homem a um escravo e o tornam num automáto, não podem vingar. Condenou-as o progresso — e contra as decisões desta força sempre poderosa, sempre eterna, sempre jovem — nada pode um simples verme.

O sr. A. Pimenta só encontra quem o aplauda nos salões das marquesas degeneradas dos nossos dias — mas essas, afe-

los que esfaqueiam

Os oficiais da Guarda de Chaves, abaixo assinados, reúnidos na Sala da Biblioteca do Regimento de Cavalaria n.º 6, sede do Comando Militar, pelas 14 horas do dia 19 de Junho de 1926, tomam o seu compromisso de honra de apoiar o Governo Militar presente (ou aquele que legalmente o substitua), organizado com o fim de dignificar a República e salvar a Pátria conspurcada. Comprometem-se a defender intransigentemente a República, revoltando-se imediatamente contra poderes constituidos ou não constituidos que amanhã tem substituí-los pelo regime monárquico.

Assim, os oficiais da guarda-milícia de Chaves, querendo exprimir os seus sentimentos na hora que passa, assinaram também um compromisso de honra que nos permitimos transcrever na íntegra:

«E o capitão não é homem que deserte — que o esfaqueia na sombra.

Balas que esfaqueiam

da cantiga do *Agueiam*? Só se forem as

«Morreu o M.º da Rua

Com dez tipos da Junta e três facadas de rei...»

«... e três facadas de rei...»

A confusa situação Chaves

PEKIN, 29. — São considerados

oficiais os resultados da conferência oficializada entre os marechais Tchang-Tso-Lin e Wou-Pei-Fou.

O dois marechais foram hóspedes do presidente da república, tendo Wou-Pei-Fou partido seguindo para a linha de batalha onde vai ser iniciada uma ofensiva geral contra Kuo-Ming-Tchin, cujas tropas se mantêm hostis aos dois vencedores do general Feng. — (L.)

O exílio de Abd-el-Krim

PARIS, 29. — Segundo se afirma, a conferência franco-espanhola chegou a acordo sobre o exílio de Abd-el-Krim em Madagáscar.

Vai ser criada uma nova moeda para Angola?

O ministro das Colónias expediu a seguinte portaria, publicada hoje no *Diário do Governo*.

Sendo conveniente estabelecer em Angola um novo regime de moeda convertível par em moeda fiduciária: manda o governo da República Portuguesa, pelo ministro das Colónias, que o Alto Comissário em Angola, coronel de engenharia António Vicente Ferreira, seja encarregado de negociar com o Banco Nacional Ultramarino os termos em que se deverá restabelecer Banco por moeda corrente naquela província, sendo o acordo que se vier a estabelecer ad referendum do governo.

O sr. A. Pimenta só encontra quem o

aplauda nos salões das marquesas degeneradas dos nossos dias — mas essas, afe-

los que esfaqueiam

pelos hospitais civis

PELOS HOSPITAIS CIVIS

A situação dos fieis do Econômato, por uma errada interpretação, está dependente da vontade e do arbitrio do económico

Neste labirinto de artigos e parágrafos da legislação hospitalar o jornalista, por muito experimentado que seja, chega a perder o norte. Caminha seguro de uma boa orientação, mas a certa altura verifica que tem que retroceder para fazer o percurso completo, para viver as mais delicadas situações do pessoal.

Assim se explica que, tendo nôs passado já pelo Econômato dos Hospitais, tenhamos agora de vir focar um aspecto desse Econômato, que não podia ficar sem a nossa crítica.

Queremos referir a situação que actualmente atravessam os funcionários dessa repartição hospitalar, classificados como fieis.

Os fieis do Econômato são doze. Três primeiros, com 674\$00 de ordenado; seis segundos, com 614\$00 e três terceiros com 559\$00. Para todos os efeitos jurídicos estes funcionários faziam parte do quadro do pessoal hospitalar. A ninguém oferecia dúvida a personalidade jurídica destes funcionários que sempre foram considerados empregados de serventia vitalícia.

E tanto assim é que os referidos fieis sempre contribuíram com a cota de 5% sobre a totalidade dos seus vencimentos para a Caixa de Aposentos.

Porém, há cerca de um ano, o actual diretor geral tendo vasculhado o Regulamento do ministério dos fieis ficaram numa situação precária. A dado momento, e sempre que não caísem na graça do económico, os fieis do Econômato eram imediatamente demitidos sem processo disciplinar ou qualquer recurso equivalente.

Esta situação colocava aqueles funcionários sob a vontade e o arbitrio do económico que tanto pode ser uma boa pessoa como um razoável patife.

Escusado será dizer que os fieis não aceitaram silenciosos a interpretação dada pelo consultor jurídico.

Eram e são empregados de serventia vitalícia e abriga dessa classificação não se conformam com a extorsão que se pretende

«Número dezasseis:— Propor sóbre a sua interina responsabilidade pessoas para desempenharem os cargos de fieis da dispensa e depósito da gafaria.

«Número dezassete:— Propor a demissão dos mesmos fieis quando por qualquer motivo deixarem de lhe merecer confiança.

Mas há sempre um mas — no mesmo momento encontra-se preceituado o seguinte:

«Art. 210. — Aos actuais fieis da tesouraria, dispensa e depósito geral da fazenda é garantido o direito nos respectivos lugares, cujas funções continuaram a desempenhar nas condições em que foram nomeados.

Temos depois — e aqui está o labirinto onde se perde o jornalista — o Regulamento dos Funcionários Civis que estabelece que a pena de desmisionamento só pode ser imposta com audiência prévia, por escrito, do arguido e exame do processo disciplinar.

Notou também o dr. João Pais de Vasconcelos que dos actuais fieis só foram nomeados antes da publicação do referido Regulamento e os restantes, embora já

Vasconcelos deve convir.

Não é demais também saber-se que os

que pretendem evitar o processo disciplinar quando os actos o determinem. O que ésses funcionários querem é

que a sua situação não fique a mercê dos ódios do económico. E nisso têm muita razão, como o próprio dr. João Pais de

Vasconcelos deve convir.

Para se avaliar até onde chega a razão

dos pobres fieis, basta saber-se que são

funcionários com 20 anos de serviço sem a menor falta. Desses servidores dos hospitais destacaremos um simpático velhinho que tem 70 anos de idade e 47 de serviço e que, devido à situação criada aos fieis, não pode reformar-se.

Não é demais também saber-se que os

que pretendem evitar o processo disciplinar quando os actos o determinem. O que ésses funcionários querem é

que a sua situação não fique a mercê dos

ódios do económico. E nisso têm muita razão, como o próprio dr. João Pais de

Vasconcelos deve convir.

Não é demais também saber-se que os

que pretendem evitar o processo disciplinar quando os actos o determinem. O que ésses funcionários querem é

que a sua situação não fique a mercê dos

ódios do económico. E nisso têm muita razão, como o próprio dr. João Pais de

Vasconcelos deve convir.

Não é demais também saber-se que os

que pretendem evitar o processo disciplinar quando os actos o determinem. O que ésses funcionários querem é

que a sua situação não fique a mercê dos

ódios do económico. E nisso têm muita razão, como o próprio dr. João Pais de

Vasconcelos deve convir.

Não é demais também saber-se que os

que pretendem evitar o processo disciplinar quando os actos o determinem. O que ésses funcionários querem é

que a sua situação não fique a mercê dos

ódios do económico. E nisso têm muita razão, como o próprio dr. João Pais de

Vasconcelos deve convir.

Não é demais também saber-se que os

que pretendem evitar o processo disciplinar quando os actos o determinem. O que ésses funcionários querem é

que a sua situação não fique a mercê dos

CONFERÊNCIAS

"Santa Clara-a-Velha de Coimbra"
pelo professor sr. Tomás da Fonseca

Na sala da Universidade Livre, realizou o encontro o eminente professor e publicista, sr. Tomaz da Fonseca, a sua anunciamada conferência "Santa Clara-a-Velha de Coimbra". A 21.30 horas, o dr. sr. Xavier da Costa, presidente da Associação dos Arqueólogos, tendo a secretariado o sr. A. C. Mena Junior, socio da mesma instituição, abriu a conferência justificando os motivos porque a sua realização não efectuou na sede da Associação dos Arqueólogos; enfatiza o valor do tema escolhido e afirma a quasi desnecessidade de fazer a apresentação do professor Tomaz da Fonseca, tão conhecido é pelas suas obras literárias e pelo seu amor à arte e ao progresso.

Dito isto, dá a palavra ao ilustre conferente. Este apresenta o seu trabalho subdivide nos seguintes capítulos:

I. Apresentação do suntuoso; II. Movimento intelectual e artístico do renascimento; III. Origem e expansão do estilo gótico; IV. O romantismo na península — primeiro renascimento ocidental; V. Santa Clara-a-Velha de Coimbra — seu valor histórico, artístico e arqueológico; VI. As naves misteriosas; VII. A rainha Izabel no clóster; VIII. Plano de limpeza e consolidação; IX. Sunt lacrimae rerum.

Com uma entonação e ritmo suggestivos, o orador inicia a sua brilhante oração por um verdadeiro e sublime canto à arte, de carinho pelo povo que, através das gerações passadas a tem lamentado. E prossegue:

«O impulso generoso que constitui, na Europa, repúblicas, comunas e ligas de variada natureza e amplitude, contra a feudalidade, tinha que prosseguir até a emancipação individual. A época onde nos encontramos, procurou, com inteligência e audácia — que nem sempre andam juntas, reazar, no ocidente, este programa novo.

O humanismo que, para uns, foi apenas um pretexto para falar belo latim e para outros a continuação da obra diabólica do desvirtuamento da ciência, à sombra do pecado original, atingia finalmente o seu significado verdadeiro, qual fosse o de arrancar o indivíduo ao meio absorvente das velhas fórmulas teológicas, pelo nobilitante esforço da sua própria iniciativa, ao mesmo tempo que o libertando dos múltiplos e variados obstáculos, provenientes das leis e dos costumes.

Humanismo que, em verdade, encontrou a sua lei e o seu caminho, na aspiração de conseguir tudo o que lhe fosse humano, tudo o que levantasse o homem aos seus próprios olhos, monstrando-o não só no culto dum bela linguagem, mas ainda no exercício de todas as virtudes — nobres, generosas, magnâncias.

Os que, a esta época, insuflaram tanta vida, intelectual, moral e económica, saíram bem que, se na Helada e em Roma floresceram grandes cultos das letras e das artes, foi porque um alto pensamento os animou.

Este renascimento, ou, como querem outros, esta revolução teria, na verdade, intuito essencialmente religiosos? Não seria difícil demonstrá-lo, para o que bastava acompanhar de perto o pensamento medieval, que procurou manter sempre, e através de tudo, o dogma fundamental da queda, pelo fruto vedado.

Ora é desta época que o homem, vítima secular desse pecado, retorna a sua primitiva autonômia, reivindicando, para ele e para a sua descendência, o direito de não ser shorar, livremente, qualquer com quem queira, que querem seus agentes, dos dos órgãos dos que os frutos os primeiros, das árvores de qualquer ver e, através, se lhe oferecessem a mão, tentando-lhe os sentidos.

Foi nesta época e com êstes, diz um notável sociólogo, que a ignorância e a inocência deixaram de ser sinônimos.

O artigo das *Bemaventuranças*, que até ali exaltava os que procuravam o céu pela pobreza do espírito, foi substituído por aquele que, já no tempo de Averroes, ensinava que a religião própria dos filósofos deve consistir no estudo de tudo quanto existe.

Debalde se haviam suprimido, nas edições latinas da *Metafísica* desse grande comentador de Aristóteles, as passagens que ao estudo da natureza chamavam o mais nobre dos cultos e à religião que tal preceituava, a melhor de todas elas.

As palavras são como as sementes. Só se perdem as sós, só não vingam as estéreis. Estas, pois, tinham vingado e produzido como o trigo caladico.

«Les mille ans de crasse», como escreveu Michelet, atingiam, finalmente, o seu termo.

«La vermine, les ulcères, les plaies furent en honneur; on se fit gloir d'elever vers Dieu des mains purulentes, d'appeler son regard sur des membres atrophiés ou décollant de sainc.»

Mas era o fim, ou pelo menos, os últimos recontros violentos.

O dogma terrível, que tinha apodrecido o mundo cristão, ensinando-o a desprazer o corpo, como sendo o réptáculo de todos os vícios e, consequentemente, a causa de todos os pecados, não despertava mais os zélos de outro tempo.

Trouxe para aqui este quadro sombrio, esta mancha medieva, porque o seu desaparecimento coincidiu, como tinham notado já os sanguinistas, com o despertar da Arte.

E certo que nunca, e a-pesar-de tudo, das colunas da Helada, do vale do Arno e do Tíbrie, se tinha evolado o sentimento de beleza que para a eternidade ergueria os seus artistas. As paisagens da Arcádia e da Etrúria, com suas linhas sinuosas mas puras, formadas de colinas perpetuamente iluminadas por um céu formosíssimo, continuavam acalentando a alma desse povo, alegre, espiritual, que voltaria a dar-nos os amantes singulares para as tragédias e poemas, e os artistas de gênero que de novo fariam regressar a terra à sua idade de ouro.

Depois de historiar a infiltração do estilo gótico na península ibérica o professor sr. Tomás da Fonseca descreve com inexcusável clareza o estado de decadência a que foi levado o pômo de arte que é Santa Clara-a-Velha, fazendo acompanhar a sua descrição de elucidativas projeções luminosas.

No final o orador foi muito aplaudido.

A corrupção e desmoralização no Corpo de Bombeiros

Agora é o nosso informador que nos procura é que, mercê dum bem simulada indiferença segundo declaração sua sobre os casos ocorridos na Corporação, tem conseguido permanecer a coberto de quaisquer suspeitas. Sobre os pretensos informadores da *Batalha* arquitetam-se as mais disparatadas conjecturas pintalgadas de ruínas planas de vingança que revelam bem a inferioridade mental e moral das criaturas que as ruminam. Pensa-se então já em vinganças? Desde o primeiro artigo publicado em *A Batalha* sobre este assunto, uma miserável agência de delação, que mete saias, se empenha em indicar nomes suspeitos de informadores.

Con quanto alguns indivíduos, com praca assente ou com afinidades na travessa da Agua de Flor, se entretenham espalhando aos quatro ventos a fatalidade em que elas próprias não acreditam de, no próximo Natal, o sr. António Maria da Silva se encontrar já apto a repetir a façanha dum seu correligionário, e por ele instigada, da leva para inóspitas e tormentosas plagas africanas de inocentes e julgamento, tenho uma fundada esperança em que antes disso a Corporação estará liberta do vexatório regime do favoritismo pessoal que a opri-me e humilha. Os escaldados são notórios, principalmente nas oficinas, e qualquer bombeiro poderia citá-los.

Não obstante a vigilância terrorista exercida pelos membros da já célebre Junta Gobernativa, *A Batalha* é lida e comentada como se esse perigo realmente não existisse. A propósito, um caso interessante: Ningém se abala a refutar as acusações feitas em *A Batalha*, como ninguém nega a veracidade dos factos citados, excepto, é claro, aqueles a quem doem os mercêdisimos causticos. Mas quem não quer ser lido não lhe veste a pele.

«E porque uma destas exceções ressalta pela insolência dos termos referidos a *Batalha* e pelo despeito do seu autor, vamos citá-la, bem como uma das muitas razões que determinam tão infeliz atitude. Adocendo há pouco uma filhinha do indivíduo em questão, todos os dias saia um automóvel para transportá-la, e ao pôi, ao hospital. Está bem. Não é o facto de per si que nos leva a reclamar. Os automóveis servem para as mais rasgadas pândegas, com mais razão podem ser utilizados no transporte da filha dum empregado, tanto mais em caso de doença.

«Mas o que não está bem, o que se torna hediondo é o resultado a que se chega do paralelo estabelecido entre o procedimento havido para com um dos privilegiados de uma dinastia preponderante, como já se lhe chama, e o adoptado para com um pobre velho há pouco falecido, após 35 anos de serviços prestados a Corporação, e que durante os dois últimos meses de tratamento era desumanamente transportado numa carripana mais do que imprópria.

Todos os dias, depois do martírio da viagem o desventurado procedia a um inventário aos ossos na incerteza de ter deixado algum pelo caminho. Eis uma das muitas razões por que *A Batalha* mereceu o mencionado calvário os termos em que se lhe referiu.

Das tremendas irregularidades cometidas nas oficinas, que já provocaram a um operário a ameaça de um dia gritar pelas portas de favor, «Associação de malfeitos que está para entrar» no exercício das competentes funções, logo, largamente recompensados por outros ao serviço dos quais se colocam o material e operários da corporação; de tudo que nela se passa dia a dia, de tudo, existe o competente «dossier», o qual, não sendo conveniente publicar-se nos jornais, para não comprometer ninguém, produziria, no entanto, as fatais consequências por fórmula mais concreta e segura.

O lugar do comandante do Corpo de Bombeiros não deve ser confiado a rapazes. E os que já dobraram a esquina do meio século «engorghiaram-se», ao presenciar o caso inédito, nos anais do Serviço de Incêndios, do comandante e acavaleiros dos bombeiros no Coliseu dos Recreios. Aquela cena não dignificou ninguém. Nem quem cavou nem quem foi cavalhado. Daí a razão dos factos espantosos que ali se estavam passando. Agora está em risco de ser engajados uns tantos que andam ensaiando uma como que dansa da luta e que por conta dum empresário, — como por graça ali lhe chamam, — irão ao Brasil servir interesses inconfessáveis.

Compreendendo-se que a convite de corporações congêneres a nossa fôsse a qualquer parte fazer uma demonstração, não de exercícios antiguados que cheiram ainda a pau e corda e que em cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo, dotadas há muito de bom material, fatalmente chamarão sobre si um comprometedor ridículo, deixando lá uma noção errada do valor dos nossos bombeiros, mas doutros úteis e compatíveis com a sua indole. E' tempo de rompermos de vez com esses exibicionismos grotescos que utilidade alguma têm.

Outro facto semelhante que necessário se torna apurar.

Os simulacros para filmar e grupos para fotografar a que se obriga o pessoal, as vezes aos domingos em que contavam passar ou descansar, exercícios que beneficiam, que nós saibamos, apenas as respectivas empresas.

E há em tudo isto um gênio mau. E' o da dança da luta, o presidente da omnipotente Junta Gobernativa, aquele a quem o comandante, num tirado infeliz da sua fraca oratória, chamou seu braço direito, e que há de ser o seu covarde, se é que lhe não abriu já a sepultura. Falta queimar os últimos cartuchos que estão destinados a produzir sensação. — W.

Lêdo o Suplemento de "A Batalha"

TEATRO APOLÔ

Telef. N. 4129

HOJE — Repete-se a

TOSCA

Amanhã — Festa artística de

ABILIO ALVES

com a

SEVERA

Protagonista:

Irene Gom

De França à Índia, sem escala
MAIS DE 1000 VAGAS
que merece de ser realizada
é necessário, durante todo o
tempo, e é necessária a mão. No final da grande
educação, não é necessária em Bissau, a

TIVOLI

A CHAMA

Recepção em três partes da peça de Charles

Bléri com Germaine Rouer

PESADELOS E SUPERSTIÇÕES

Cine-comédia em seis partes

com Douglas Fairbanks

um DOCUMENTÁRIO — UMA CINE REVISTA

(Jornamento de Bandeira na Escola de guerra)

A'manhã — Matinée às 3 horas

TELEFONE N. 5474

AS 21 HORAS

O drama de Charles Merle foi representado em Lisboa, na Ópera do Páteo, e a sua história é a de um homem que, ao encontrar seu filho já homem, se regenera das suas culpas pela chama do seu amor maternal. O seu arrependimento e o seu carinho de mãe são inuteis, e a mãe vai entrar e a pobre infeliz só resta o seu filho de desaparecer.

Pesadelos e superstições é uma comédia habitual de Douglas Fairbanks e em que ele como sempre, é prodigioso de vida, de alegria.

NA MARINHA GRANDE

O escândalo do fornecimento de luz eléctrica teve como consequência deixar aquela vila às escuras

Tínhamos necessariamente que pegar na pena nessa ocasião especialíssima em que depois de uma festarola para inauguração de luz eléctrica, se vê tudo voltado à primeira forma e tudo como dantes, sem luz, completamente em trevas.

E neste caso de luz, nem uma pepita se rasgou para nos indicar o caminho da razão pura.

Quando a imprensa começou a atacar a Câmara da Marinha, os apanhados, aqueles que como os cevados não vêm senão o espaço estreito da poeira, proclamavam aos quatro ventos que a campanha era a sequência dum personalismo doentio animado pelo espírito de «revanche».

Os motores são novos, diziam então. Porem a tragédia acabou em farça. Os factos atestam que os cevados não vêm senão o espaço estreito da poeira, proclamavam aos quatro ventos que a campanha era a sequência dum personalismo doentio animado pelo espírito de «revanche».

As outras casas que forneciam material de 1.º deixaram em paz a câmara e a A. E. G. e todo o negócio.

Iniciou-se a montagem. Fez-se a instalação.

Esbarçaram-se os ensaios e na Marinha, por noite alta, tremelizaram umas luzinhas que punham a população numa alegria e satisfação indizíveis.

Surge a campanha, fazem-se análises, os motores levam injecções, vem à Marinha o Carlos de Oliveira e surge no *Seculo* uma página de louvor à A. E. G.

As melhores casas da terra abriam amplamente as janelas mostrando a luz e para longe foi o agor, de que os motores sejam efectivamente usados e velhos como diziam certos escrivinhadores charros, almas de patifes e tratantes.

Mas a câmara, como já dissemos, tem o serviço das notícias oficiais. E uma das dizes que a «bizarra grande, necessitando dum reparo, não funcionaria a de pressa.

O motor pequeno iria aguentando com a rede pública e particular.

Súbito outra nota comunica que ia ser cortada a luz pública.

Sorrimento. A razão caminhava ao nosso encontro. A semana pretérita outra nota avisava a população de que ia ser cortada a luz particular. Foi o diabo em figura de gente.

Os motores não reconheceriam funcionando sem uma reparação mestra. Mas se eles pouco ou nada tinham trabalhado? — fizemos algo estuprador.

A câmara que é maniosa não tomou conta da instalação.

Se elas tem a critica...

Porém, queremos parecer que quando se faz uma inauguração deve estar tudo acertado, a postos, para que a máquina funcione.

Surpreende que se acendejam ali lâmpadas que se acendejam em Portugal.

Normalidade. Como está acontecendo na Marinha é que jamais foi observado. Por esse pôrfa os milhares de leitores do *Seculo* que leram a página referente à inauguração da luz estão convencidos que Marinha Grande está alumada por jorros de luz, que nessa terra não há noite, e que a qualquer hora se poderão ler as ininterruptas notícias oficiais que a Câmara faz fixar nos lugares do estilo.

Desarregada ela tornava-se impossível fazê-la dar uma volta. Com o compressor acesa, se temos que resa o popular rifa: «Aqua mole em pedra dura, tanto bate até que fura.»

A Câmara que é maniosa não tomou conta da instalação.

Se elas tem a critica...

Pensa substituir-las por uma máquina de vapor, segundo a versão que corre?

O que irá fazer? Então a A. E. G. sempre é que supunham, ex. m. vereadores?

Então Augusto Belchior e Joaquim Domingos da Silva ainda continuam a ser os mesmos incompetentes sem autoridade moral, portanto, para falar de semelhantes máquinas?

«Oh! como a razão e a verdade não deixam atolar no lodo da infâmia aquela vontade s

AGENDA

CALENDARIO DE JUNHO

6	13	20	27	HOJE O SOL
7	14	21	28	Aparece às 5,15
1	8	15	22	Desaparece às 20,5
2	9	16	23	30
3	10	17	24	1. C. dia 27 às 11,45
4	11	18	25	Q. M. 5 3,15
5	12	19	26	L. N. 11 22,55
				Q. C. 19 17,45

MARES DE HOJE

Praiamar às 6,09, e às 6,36
Paixamar às 11,39 e às ...

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94575	
Madrid cheque	3518	
Paris, cheque...	55,5	
Sulca, ...	378	
Bruxelas cheque	57	
New-York, ...	19555	
Amsterdão	785	
Italia, cheque ...	71,5	
Brasil, ...	310	
Praga, ...	58	
Suécia, cheque	525	
Austria, cheque	277	
Berlim, ...	466	

ESPECTACULOS

TEATROS
800 hulu. — A's 21,15 — O Homem das 5 Horas. —
Papo Séco. —
Fipolo. — A's 21,15 — A Tosca.
Erenhó. — A's 21,15 — O Dr. da Mula Ruça.
Salto Soz. — A's 21. — Variedades.
Cinema U. Vilema (A Graca) — Espetáculos as 3,15
... sábados e domingos com ensaios.
Erenhó Parque — Todas as noites. Concertos: ...
CINEMAS
Tivoli — Olimpia — Central — Condes — Chiado — Ter
rasse — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança
— Correio — Cine — Paraiso

PEDRAS "METAL AUR"
PARA ISQUEIROS
VENDEM-SE NO LATTA, DO LARGO
DO CONDE BARÃO, 55
Duzia \$40; 100, 28\$0; mil, 25\$00
Pedra grande, duzia, \$80

A GRANDE BAIXA
DE CALÇADO
SÓ COM O LUCRO DE 10%
NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA
Sapatos para senhora ...
Sapatos em verniz ...
Eetas pretas (grande saldo) ...
Bolus brancos (saldo) ...
Grafos de botas pretas ...
Grafos de cós para homens ...
Nao confundir SOCIAL OPERARIA com
as casas ...
Ver bem, pois só encontra boms bairros.
A Social Operaria é a rara das Cavalarias,
... com Filial na mesma rua, n.º 64.

FABRICA
cadrilhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C. a
travessa do Corpo Santo, II a IV
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

Marceneiro
Oferece-se para Lisboa ou fora.
E da Penha de França, 212, portão.

Suplemento semanal ilustrado
de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano
deste interessante semanário, devidamente
encadernado, numa óptima capa em perca-
fina ilustrado a cores, por Alonso, contendo
um indispensável índice dos variadíssimos
assuntos de ordem doutrinária, literá-
ria e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420
páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice),
20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00

Pedidos de colecções, ou envio destas
para encadernação, à administração de A
Batalha.

Espanhol sem mestre

Por Gonçalves Pereira. Compre-se um
exemplar desta obra. Quem tiver e queira
vender, indique preço e a direcção para
esta administração, às iniciais R. C.

lugo espanhol, revoltou-se contra ele, fez protestos de
valor para expulsar os espanhóis, e depois con-
se em República, pois bem sabia que de re-
havia a esperar de bom.

Ainda neste mesmo ano de 1648, um dos ma-
deros povos do mundo, a Inglaterra, citou o seu
general, à barra da Câmara dos Comuns, em vir-
da soberania do povo; instaurou-se processo con-
tra ele, que foi julgado, condenado à morte e executado,
constituindo-se assim o país em República, sob o pa-
tectorado de Olivier Cromwell.

Ana de Austria provocou novas rebeliões, por causa
das suas prodigalidades, do seu despotismo, do seu
desprezo pelas misérias da França. Em 1648, a enor-
midade dos impostos arruinava o comércio, a agricul-
tura e a indústria, reduzia a fome os povos das cida-
des e esmagava os aldeões. Havia mais de meio século
que a realeza não convocava os Estados gerais; con-
tudo, restava ainda uma sombra de representação na-
cional; os parlamentos encarregados de registrar os
éditos. Mas em 1648, o parlamento de Paris não quis
register, senão sob reserva, os éditos que lhe foram
presentes. Ana de Austria, indignada porque aqueles
pátrias londrinos hesitavam em registrar os éditos, foi
ao parlamento com o seu filho, o jovem rei Luis XIV, per-
suadida de que, intimidados pela real presença dos
soberanos, elas não queriam recusar-se a registrar os
cinco éditos de impostos necessários para encher o
Estado.

Omer Talon, advogado geral do parlamento, disse
simplesmente ao rei:

Há dez anos, senhor, que os cidadãos arru-
nados, e os seus habitantes obrigados a do-
paliha, por lhes terem sido vendidos os móveis para
pagar as contribuições; milhões de infelizes são forçados
a comer pão de centeio, e ainda se dão por muito
satisfetos quando por acaso o têm. A estes infelizes
só resta a alma, única coisa que não se pode vender.

Os habitantes das cidades, de-
pois de terem pago os impostos de subsistência, de

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Nar-
ciso — A's 5 horas.
Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas.
Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10
horas.
Pele e sifilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e as
Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff-
2 horas.
Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira —
12 horas.
Estômagos e intestinos — Dr. Mendes Belo — 3 ho-
ras.
Doenças das senhoras — Dr. Emílio Paiva — 2 horas.
Doenças das crianças — Dr. Filipe Manso — 12 ho-
ras.
Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 3
horas.
Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.
Câncer e rádio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.
Raio X — Dr. Alex. Saldanha — 4 horas.
Análises — Dr. Gabriela Beato — 4 horas.

Praiamar às 6,09, e às 6,36

Paixamar às 11,39 e às ...

CAMBIOS

Paises

Compra

Venda

94575

... Madrid cheque

3518

... Paris, cheque...

55,5

... Sulca, ...

378

... Bruxelas cheque

57

... New-York, ...

19555

... Amsterdão

785

... Italia, cheque ...

71,5

... Brasil, ...

310

... Praga, ...

58

... Suécia, cheque

525

... Austria, cheque

277

... Berlim, ...

466

... ESPECTACULOS

TEATROS

... 800 hulu. — A's 21,15 — O Homem das 5 Horas. —
Papo Séco. —
Fipolo. — A's 21,15 — A Tosca.
Erenhó. — A's 21,15 — O Dr. da Mula Ruça.
Salto Soz. — A's 21. — Variedades.

Cinema U. Vilema (A Graca) — Espetáculos as 3,15

... sábados e domingos com ensaios.

Erenhó Parque — Todas as noites. Concertos: ...

CINEMAS

Tivoli — Olimpia — Central — Condes — Chiado — Ter
rasse — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança
— Correio — Cine — Paraiso

... 2000

... 28\$0

... mil, 25\$00

... Pedra grande, duzia, \$80

... 100

... 55\$00

... 25\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00

... 1000

... 55\$00</div

A BATALHA

A REACÇÃO EM MOÇAMBIQUE

Os haveres dos trabalhadores foram desviados quando a sua casa estava selada pelas autoridades

LOURENÇO MARQUES, 8 de Junho

Depois da enorme opressão a que foram sujeitos os trabalhadores desta terra começaram as concessões, em pequena escala, que por enquanto se cifram na entrega da Casa dos Trabalhadores e a permissão para as classes operárias reunirem e tratar dos seus legítimos interesses.

A pesar de ter sido a polícia que tomou conta da Casa dos Trabalhadores e, por seu turno, a ter entregue à tropa, não deixou por isso de ser fortemente roubada, pois desapareceram muitos objectos que a própria havia inventariado.

Reuniram-se anteontem, nas salas respetivas, a Associação do Pessoal do Pôrto e Caminhos de Ferro, Construção Civil, comissão da Casa dos Trabalhadores e accionistas de *O Emancipador*. Das deliberações tomadas muito há a esperar, visto que todos se encontram com vontade de trabalhar no sentido de dar impulso à organização.

Pela Associação do P. P. e C. F. L. M. foram enviados telegramas para o ministro das Colônias, general Massano do Amorim, Confederação Geral do Trabalho, Federação Ferroviária de Portugal, *A Batalha* e organizações operárias sul-africanas.

Também foram saudados os presos de Moçambique, sendo louvadas todas as entidades que prestaram todo o seu auxílio durante o império da força que ameaçou esmagar tudo e todos.

Consta que a Reorganização dos Serviços Ferroviários, obra que motivou muita desgraça, foi rejeitada pelo Conselho Colonial. Oxalá seja verdadeira a informação.

Os quindantes do pôrto não têm funcionado regularmente por causa da falta de pessoal competente. Prefere-se que os antigos maquinistas continuem arrastando uma vida de privações por não terem onde empregar a sua actividade.

Em minha correspondência anterior disse que havia necessidade de se fazer a substituição duma meia dúzia de funcionários, cuja permanência aqui se torna prejudicial à administração da província. Pois a-pesar das acusações públicas que se lhes têm feito, tais senhores continuam por cá e até procuram mandar prender os acusados. Isto só prova que a sua moral está abaixo de zero. Ainda não apareceu nenhum que tivesse a coragem de pedir uma sindicância aos seus actos. Para melhor assegurar os altos cargos que esses indivíduos ocupam organizou-se um grupo denominado *Ação Nacional*, que apoia todos os governos. Assim, ontém apoiamos os democráticos e hoje já estão incondicionalmente ao lado da nova situação política, que nos parece não ser ainda clara. Este grupo não tem convicções nem ideias e a população quase o não conhece, mas é para das arcas do organismo importante vai enyando telegramas para a metrópole fazendo ver que é a única força em que podem confiar os governantes do Terreiro do Paço. Da mesma forma, na que a imprensa costuma avisar tentando-lhe os cíos das manobras dos vigaristas, Foi esta é o meu dever avisando Lisboa que é nata cénico e *Ação Nacional* nada é e nada deve.

O artigo que começará a desvendar os planos dum quadrilha que tudo tem feito para dominar nesta terra.

— Em Moçambique foram postos em liberdade os camaradas Manuel Joaquim da Silva, Nuno Pedro e Zwinglio Peres da Luz, que para ali tinham sido deportados. Vai-se tratar de reclamar o seu regresso a Lourenço Marques, de onde nunca deviam ter saído.

— Depois das torturas levadas a efeito no Comissariado de Polícia surgiram novas torturas a-pesar-dos presos sociais estarem entregues em Juiz.

Quem se queixe de estar doente é violentamente arrastado para o segredo, fazendo-salir nessa perseguição uma pessoa que diz ser parente do comissário de polícia assassinado.

Contra esta desumanidade, apresentamos o nosso protesto e solicitamos a interferência da Organização, pedindo aí ao sr. Ministro da Justiça que telegraficamente proponha côntra a tais repressões visto que não há aqui autoridade de quem se possa reclamar contra tais desumanidades.

Os presos continuam a ser visitados sómente durante 15 minutos e com polícia a pé.

No Conselho Legislativo foi fortemente atacado o Secretário do Fomento, Craveiro Lopes, pelas suas medidas nada inteligentes na distribuição de gratificações aos que prestaram serviços durante a greve.

Pelo relato que fazem os jornais, podemos avaliar desta competência e dêste grande valor:

— Aberta a inscrição para antes da ordem dia, o sr. Secretário do Fomento, engenheiro Craveiro Lopes, usou da palavra pretendendo justificar o não funcionamento da Comissão Urbana de Lourenço Marques por falta de quatro indígenas, tendo o vogal sr. dr. Archer e Silva expressado o seu desapontamento pela inverosimilhança do fundamento alegado, a seguir pretendendo aí o sr. Secretário do Fomento justificar perante o Conselho a interpelção que na sessão anterior lhe fora feita pelo vogal sr. Archer e Silva, relativamente a uma recusa de licença um funcionário dos caminhos de ferro e após considerações várias, reconhecendo o direito que o empregado visado assistia no deferimento da sua pretensão, declarou que nem sempre prevalecia bom criterio, mas sim o cumprimento da lei; fizeram, continuando no uso da palavra, o sr. Secretário do Fomento pretendendo justificar a concessão de gratificações concedidas nos caminhos de ferro, durante e após a greve, assumo sóbre que lhe também detinha a mesma sessão, e alegou em os bons serviços prestados pelos agentes, contemplados e, com ênfase e calor que o orador não podem ser atribuídos como freqüentes afirmou que uma das razões que levaram a propor e a dar as gratificações cuja legitimidade se discutiu, tinham sido o facto de ter havido atentados vários contra

o sr. dr. Archer e Silva, e em particular

— Contra esta desumanidade, apresentamos o nosso protesto e solicitamos a interferência da Organização, pedindo aí ao sr. Ministro da Justiça que telegraficamente proponha côntra a tais repressões visto que não há aqui autoridade de quem se possa reclamar contra tais desumanidades.

Os presos continuam a ser visitados sómente durante 15 minutos e com polícia a pé.

No Conselho Legislativo foi fortemente atacado o Secretário do Fomento, Craveiro Lopes, pelas suas medidas nada inteligentes na distribuição de gratificações aos que prestaram serviços durante a greve.

Pelo relato que fazem os jornais, podemos avaliar desta competência e dêste grande valor:

— Aberta a inscrição para antes da ordem dia, o sr. Secretário do Fomento, engenheiro Craveiro Lopes, usou da palavra pretendendo justificar o não funcionamento da Comissão Urbana de Lourenço Marques por falta de quatro indígenas, tendo o vogal sr. dr. Archer e Silva expressado o seu desapontamento pela inverosimilhança do fundamento alegado, a seguir pretendendo aí o sr. Secretário do Fomento justificar perante o Conselho a interpelção que na sessão anterior lhe fora feita pelo vogal sr. Archer e Silva, relativamente a uma recusa de licença um funcionário dos caminhos de ferro e após considerações várias, reconhecendo o direito que o empregado visado assistia no deferimento da sua pretensão, declarou que nem sempre prevalecia bom criterio, mas sim o cumprimento da lei; fizeram, continuando no uso da palavra, o sr. Secretário do Fomento pretendendo justificar a concessão de gratificações concedidas nos caminhos de ferro, durante e após a greve, assumo sóbre que lhe também detinha a mesma sessão, e alegou em os bons serviços prestados pelos agentes, contemplados e, com ênfase e calor que o orador não podem ser atribuídos como freqüentes afirmou que uma das razões que levaram a propor e a dar as gratificações cuja legitimidade se discutiu, tinham sido o facto de ter havido atentados vários contra

o sr. dr. Archer e Silva, e em particular

— Contra esta desumanidade, apresentamos o nosso protesto e solicitamos a interferência da Organização, pedindo aí ao sr. Ministro da Justiça que telegraficamente proponha côntra a tais repressões visto que não há aqui autoridade de quem se possa reclamar contra tais desumanidades.

Os presos continuam a ser visitados sómente durante 15 minutos e com polícia a pé.

No Conselho Legislativo foi fortemente atacado o Secretário do Fomento, Craveiro Lopes, pelas suas medidas nada inteligentes na distribuição de gratificações aos que prestaram serviços durante a greve.

Pelo relato que fazem os jornais, podemos avaliar desta competência e dêste grande valor:

— Aberta a inscrição para antes da ordem dia, o sr. Secretário do Fomento, engenheiro Craveiro Lopes, usou da palavra pretendendo justificar o não funcionamento da Comissão Urbana de Lourenço Marques por falta de quatro indígenas, tendo o vogal sr. dr. Archer e Silva expressado o seu desapontamento pela inverosimilhança do fundamento alegado, a seguir pretendendo aí o sr. Secretário do Fomento justificar perante o Conselho a interpelção que na sessão anterior lhe fora feita pelo vogal sr. Archer e Silva, relativamente a uma recusa de licença um funcionário dos caminhos de ferro e após considerações várias, reconhecendo o direito que o empregado visado assistia no deferimento da sua pretensão, declarou que nem sempre prevalecia bom criterio, mas sim o cumprimento da lei; fizeram, continuando no uso da palavra, o sr. Secretário do Fomento pretendendo justificar a concessão de gratificações concedidas nos caminhos de ferro, durante e após a greve, assumo sóbre que lhe também detinha a mesma sessão, e alegou em os bons serviços prestados pelos agentes, contemplados e, com ênfase e calor que o orador não podem ser atribuídos como freqüentes afirmou que uma das razões que levaram a propor e a dar as gratificações cuja legitimidade se discutiu, tinham sido o facto de ter havido atentados vários contra

o sr. dr. Archer e Silva, e em particular

— Contra esta desumanidade, apresentamos o nosso protesto e solicitamos a interferência da Organização, pedindo aí ao sr. Ministro da Justiça que telegraficamente proponha côntra a tais repressões visto que não há aqui autoridade de quem se possa reclamar contra tais desumanidades.

Os presos continuam a ser visitados sómente durante 15 minutos e com polícia a pé.

No Conselho Legislativo foi fortemente atacado o Secretário do Fomento, Craveiro Lopes, pelas suas medidas nada inteligentes na distribuição de gratificações aos que prestaram serviços durante a greve.

Pelo relato que fazem os jornais, podemos avaliar desta competência e dêste grande valor:

— Aberta a inscrição para antes da ordem dia, o sr. Secretário do Fomento, engenheiro Craveiro Lopes, usou da palavra pretendendo justificar o não funcionamento da Comissão Urbana de Lourenço Marques por falta de quatro indígenas, tendo o vogal sr. dr. Archer e Silva expressado o seu desapontamento pela inverosimilhança do fundamento alegado, a seguir pretendendo aí o sr. Secretário do Fomento justificar perante o Conselho a interpelção que na sessão anterior lhe fora feita pelo vogal sr. Archer e Silva, relativamente a uma recusa de licença um funcionário dos caminhos de ferro e após considerações várias, reconhecendo o direito que o empregado visado assistia no deferimento da sua pretensão, declarou que nem sempre prevalecia bom criterio, mas sim o cumprimento da lei; fizeram, continuando no uso da palavra, o sr. Secretário do Fomento pretendendo justificar a concessão de gratificações concedidas nos caminhos de ferro, durante e após a greve, assumo sóbre que lhe também detinha a mesma sessão, e alegou em os bons serviços prestados pelos agentes, contemplados e, com ênfase e calor que o orador não podem ser atribuídos como freqüentes afirmou que uma das razões que levaram a propor e a dar as gratificações cuja legitimidade se discutiu, tinham sido o facto de ter havido atentados vários contra

o sr. dr. Archer e Silva, e em particular

— Contra esta desumanidade, apresentamos o nosso protesto e solicitamos a interferência da Organização, pedindo aí ao sr. Ministro da Justiça que telegraficamente proponha côntra a tais repressões visto que não há aqui autoridade de quem se possa reclamar contra tais desumanidades.

Os presos continuam a ser visitados sómente durante 15 minutos e com polícia a pé.

No Conselho Legislativo foi fortemente atacado o Secretário do Fomento, Craveiro Lopes, pelas suas medidas nada inteligentes na distribuição de gratificações aos que prestaram serviços durante a greve.

Pelo relato que fazem os jornais, podemos avaliar desta competência e dêste grande valor:

— Aberta a inscrição para antes da ordem dia, o sr. Secretário do Fomento, engenheiro Craveiro Lopes, usou da palavra pretendendo justificar o não funcionamento da Comissão Urbana de Lourenço Marques por falta de quatro indígenas, tendo o vogal sr. dr. Archer e Silva expressado o seu desapontamento pela inverosimilhança do fundamento alegado, a seguir pretendendo aí o sr. Secretário do Fomento justificar perante o Conselho a interpelção que na sessão anterior lhe fora feita pelo vogal sr. Archer e Silva, relativamente a uma recusa de licença um funcionário dos caminhos de ferro e após considerações várias, reconhecendo o direito que o empregado visado assistia no deferimento da sua pretensão, declarou que nem sempre prevalecia bom criterio, mas sim o cumprimento da lei; fizeram, continuando no uso da palavra, o sr. Secretário do Fomento pretendendo justificar a concessão de gratificações concedidas nos caminhos de ferro, durante e após a greve, assumo sóbre que lhe também detinha a mesma sessão, e alegou em os bons serviços prestados pelos agentes, contemplados e, com ênfase e calor que o orador não podem ser atribuídos como freqüentes afirmou que uma das razões que levaram a propor e a dar as gratificações cuja legitimidade se discutiu, tinham sido o facto de ter havido atentados vários contra

o sr. dr. Archer e Silva, e em particular

— Contra esta desumanidade, apresentamos o nosso protesto e solicitamos a interferência da Organização, pedindo aí ao sr. Ministro da Justiça que telegraficamente proponha côntra a tais repressões visto que não há aqui autoridade de quem se possa reclamar contra tais desumanidades.

Os presos continuam a ser visitados sómente durante 15 minutos e com polícia a pé.

No Conselho Legislativo foi fortemente atacado o Secretário do Fomento, Craveiro Lopes, pelas suas medidas nada inteligentes na distribuição de gratificações aos que prestaram serviços durante a greve.

Pelo relato que fazem os jornais, podemos avaliar desta competência e dêste grande valor:

— Aberta a inscrição para antes da ordem dia, o sr. Secretário do Fomento, engenheiro Craveiro Lopes, usou da palavra pretendendo justificar o não funcionamento da Comissão Urbana de Lourenço Marques por falta de quatro indígenas, tendo o vogal sr. dr. Archer e Silva expressado o seu desapontamento pela inverosimilhança do fundamento alegado, a seguir pretendendo aí o sr. Secretário do Fomento justificar perante o Conselho a interpelção que na sessão anterior lhe fora feita pelo vogal sr. Archer e Silva, relativamente a uma recusa de licença um funcionário dos caminhos de ferro e após considerações várias, reconhecendo o direito que o empregado visado assistia no deferimento da sua pretensão, declarou que nem sempre prevalecia bom criterio, mas sim o cumprimento da lei; fizeram, continuando no uso da palavra, o sr. Secretário do Fomento pretendendo justificar a concessão de gratificações concedidas nos caminhos de ferro, durante e após a greve, assumo sóbre que lhe também detinha a mesma sessão, e alegou em os bons serviços prestados pelos agentes, contemplados e, com ênfase e calor que o orador não podem ser atribuídos como freqüentes afirmou que uma das razões que levaram a propor e a dar as gratificações cuja legitimidade se discutiu, tinham sido o facto de ter havido atentados vários contra

o sr. dr. Archer e Silva, e em particular

— Contra esta desumanidade, apresentamos o nosso protesto e solicitamos a interferência da Organização, pedindo aí ao sr. Ministro da Justiça que telegraficamente proponha côntra a tais repressões visto que não há aqui autoridade de quem se possa reclamar contra tais desumanidades.

Os presos continuam a ser visitados sómente durante 15 minutos e com polícia a pé.

No Conselho Legislativo foi fortemente atacado o Secretário do Fomento, Craveiro Lopes, pelas suas medidas nada inteligentes na distribuição de gratificações aos que prestaram serviços durante a greve.

Pelo relato que fazem os jornais, podemos avaliar desta competência e dêste grande valor:

— Aberta a inscrição para antes da ordem dia, o sr. Secretário do Fomento, engenheiro Craveiro Lopes, usou da palavra pretendendo justificar o não funcionamento da Comissão Urbana de Lourenço Marques por falta de quatro indígenas, tendo o vogal sr. dr. Archer e Silva expressado o seu desapontamento pela inverosimilhança do fundamento alegado, a seguir pretendendo aí o sr. Secretário do Fomento justificar perante o Conselho a interpelção que na sessão anterior lhe fora feita pelo vogal sr. Archer e Silva, relativamente a uma recusa de licença um funcionário dos caminhos de ferro e após considerações várias, reconhecendo o direito que o empregado visado assistia no deferimento da sua pretensão, declarou que nem sempre prevalecia bom criterio, mas sim o cumprimento da lei; fizeram, continuando no uso da palavra, o sr. Secretário do Fomento pretendendo justificar a concessão de gratificações concedidas nos caminhos de ferro, durante e após a greve, assumo sóbre que lhe também detinha a mesma sessão, e alegou em os bons serviços prestados pelos agentes, contemplados e, com ênfase e calor que o orador não podem ser atribuídos como freqüentes afirmou que uma das razões que levaram a propor e a dar as gratificações cuja legitimidade se discutiu, tinham sido o facto de ter havido atentados vários contra

o sr. dr. Archer e Silva, e em particular

— Contra esta desumanidade, apresentamos o nosso protesto e solicitamos a interferência da Organização, pedindo aí ao sr. Ministro da Justiça que telegraficamente proponha côntra a tais repressões visto que não há aqui autoridade de quem se possa reclamar contra tais desumanidades.

Os presos continuam a ser visitados sómente durante 15 minutos e com polícia a pé.

No Conselho Legislativo foi fortemente atacado o Secretário do Fomento, Craveiro Lopes, pelas suas medidas nada inteligentes na distribuição de gratificações aos que prestaram serviços durante a greve.

Pelo relato que fazem os jornais, podemos avaliar desta competência e dêste grande valor:

— Aberta a inscrição para antes da ordem dia, o sr. Secretário do Fomento, engenheiro Craveiro Lopes, usou da palavra pretendendo justificar o não funcionamento da Comissão Urbana de Lourenço Marques por falta de quatro indígenas, tendo o vogal sr. dr. Archer e Silva expressado o seu desapontamento pela inverosimilhança do fundamento alegado, a seguir pretendendo aí o sr. Secretário do Fomento justificar perante o Conselho a interpelção que na sessão anterior lhe fora feita pelo vogal sr. Archer e Silva, relativamente a uma recusa de licença um funcionário dos caminhos de ferro e após considerações várias, reconhecendo o direito que o empregado visado assistia no deferimento da sua pretensão, declarou que nem sempre prevalecia bom criterio, mas sim o cumprimento da lei; fizeram, continuando no uso da palavra, o sr. Secretário do Fomento pretendendo justificar a concessão de gratificações concedidas nos caminhos de ferro, durante e após a greve, assumo sóbre que lhe também detinha a mesma sessão, e alegou em os bons serviços prestados pelos agentes, contemplados e, com ênfase e calor que o orador não podem ser atribuídos como freqüentes afirmou que uma das razões que levaram a propor e a dar as gratificações cuja legitimidade se discutiu, tinham sido o facto de ter havido atentados vários contra

o sr. dr. Archer e Silva, e em particular

— Contra esta desumanidade, apresentamos o nosso protesto e solicitamos a interferência da Organização, pedindo aí ao sr. Ministro da Justiça que telegraficamente proponha côntra a tais repressões visto que não há aqui autoridade de quem se possa reclamar contra tais desumanidades.

Os presos continuam a ser visitados sómente durante 15 minutos e com polícia a pé.

No Conselho Legislativo foi fortemente atacado o Secretário do Fomento, Craveiro Lopes, pelas suas medidas nada inteligentes na distribuição de gratificações aos que prestaram serviços durante a greve.

Pelo relato que fazem os jornais, podemos avaliar desta competência e dêste grande valor:

— Aberta a ins